

**“MEMÓRIA, PATRIMÔNIO E IDENTIDADE: A
FORMAÇÃO DE BEBERIBE¹” – UMA
EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL.**

Francisco Deoclécio Carvalho Galvão

Professor de História, licenciado pela Universidade Estadual Vale do Acaraú; pós-graduando em História do Brasil e Ceará pela Faculdade de Tecnologia Darcy Ribeiro e em Gestão Pedagógica da Escola Básica pela Universidade Estadual do Ceará.
deocleciogalvao@gmail.com

¹ Título do projeto realizado com a turma da 1ª série do ensino médio integrado ao curso técnico de Guia de Turismo, da Escola Estadual de Educação Profissional Pedro de Queiroz Lima.

“MEMÓRIA, PATRIMÔNIO E IDENTIDADE: A FORMAÇÃO DE BEBERIBE” – UMA EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL.

"MEMORY, HERITAGE AND IDENTITY: BEBERIBE TRAINING" - AN EDUCATION EXPERIENCE ASSET.

Francisco Deoclécio Carvalho Galvão

RESUMO

A presente Experiência de Ensino apresenta o desenvolvimento do projeto de Educação Patrimonial junto a turma de Guia de Turismo da Escola Estadual de Educação Profissional Pedro de Queiroz Lima, em Beberibe – CE. O projeto resultou da necessidade de apresentar a história local aos estudantes e observar como esta influencia na construção da identidade individual e coletiva da cidade. Utilizando as técnicas da educadora Evelina Grunberg – observação, registro, exploração e apropriação – levamos a turma para um *city tour* no centro histórico da sede do município, onde dialogamos com os bens culturais presentes (Memorial de Beberibe, Igreja Matriz e Casa de Câmara e Cadeia) e buscamos compreender quais as contribuições destes bens para a existência do sentimento de pertença dos cidadãos à história local.

PALAVRAS-CHAVE:

Educação Patrimonial, História Local, Beberibe – CE.

ABSTRACT

This Teaching Experience presents the development of heritage education project with the class of Tourist Guide of the State School of Professional Education Pedro de Queiroz Lima in Beberibe - CE. The project resulted from the need to present local history to students and observe how this influences the construction of individual and collective identity of the city. Using the techniques of the educator Evelina Grunberg - observation, registration, exploitation and take - take the class for a city tour in the historical center of the county seat, where we dialogue with these cultural goods (Memorial Beberibe Parish Church and Town Hall and chain) and we try to understand what are the contributions of these goods to the existence of the sense of belonging of citizens to local history.

KEY-WORDS:

Education Equity, Local History, Beberibe - CE.

A ciência História cumpre uma função heroica de rememorar, problematizando, os episódios constituidores da humanidade. A disciplina deve instigar o estudante a buscar significados para os eventos do cotidiano. Este conhecimento, impregnado de sentido a partir da vivência do educando, se concretizará como fonte necessária ao efetivo desenvolvimento cidadão, crítico e protagonista.

A educação formal prioriza a sala de aula como espaço majoritário de exercício educacional. Contudo, entendemos que tal ambiente é tão apenas mais um que colabora para o alargamento cognitivo, e esta afirmativa se intensifica quando a disciplina em questão é a História. É nesta acepção que as aulas de campo recebem espaço, realce e elevada importância na técnica de ensino-aprendizagem, uma vez que a partir da relação com o espaço, da percepção que será exercitada através das visitas a lugares de memória – carregados de representações², enquanto interpretações individuais – o conhecimento se revestirá de certo empirismo, já que o estudante toca e enxerga, cheira e observa o elemento foco ou ilustrador das discussões travadas no ambiente escolar. Desta forma, apontamos a aula de campo como método necessário à prática da educação patrimonial. A aula em sala, neste caso, não é suficiente para a absorção de todo o significado existente nos bens culturais. Colaborando conosco, Pereira (2013, p. 06) nos informa que

a proposta metodológica da aula de campo é transcender os limites físicos da sala de aula (e da aula em sala) explorando as sensações dos alunos aos aspectos do meio ambiente. [...] A aula de campo nesse sentido funciona como um elo entre os conteúdos do livro didático, muitas vezes estático, com imagens desvinculadas e distantes das paisagens locais e fora da realidade do aluno, com os conteúdos “reais”, concretos, que devem ser compreendidos a partir da vivência e experiência de cada estudante.

O ensino a partir do patrimônio é um processo educacional sistêmico e permanente que tem como ponto inicial o patrimônio cultural, seja ele reconhecido ou não como tal, sejam bens materiais ou imateriais (GRUNBERG, 2007). A Educação Patrimonial possibilita o conhecimento a partir das experiências dos estudantes, levando em consideração as várias representações já presentes nas suas percepções quanto ao objeto ou lugar a ser analisado. Serão estas representações que sofrerão redefinições – ou serão consolidadas – no conhecimento do aluno, tendo em vista os debates que deverão ser realizados a respeito dos

² De acordo com Jacques Le Goff (1994, p.11) o campo das representações “engloba todas e quaisquer traduções mentais de uma realidade exterior percebida” e está ligado ao processo de abstração. Pesavento (1993, p. 112) informa ainda que “a representação é uma construção imagética e discursiva que enuncia ou presentifica o outro – no caso, recria o real”.

itens pesquisados. Respeitar e fazer vir à tona as representações individuais valoriza o conhecimento prévio do estudante, aproximando-o do objeto e impregnando-o de um protagonismo necessário a uma ação reflexiva capaz de transformar a realidade – sua e do seu meio – e ressignificar o espaço vivenciado. A prática adotada deve ser a de definir em conjunto com o estudante as problematizações necessárias para a compreensão do papel do objeto/espaço no passado analisado e no presente.

Thaize Possoli (2008, p. 16) nos informa que

a educação patrimonial se utiliza de lugares e suportes de memória, que são vestígios deixados pelo passado e são estes bens culturais que precisam ser preservados, é neles que ficam as lembranças, eles servem como um estímulo para lembrar e também podem oferecer oportunidades de despertar o interesse e a curiosidade sobre o passado, para melhor compreensão do presente e planejamento do futuro.

Estes fragmentos do passado no presente auxiliam os historiadores a construir uma narrativa que permita uma visão menos ofuscada dos acontecimentos. O planejamento do futuro se dará em acordo com as percepções do passado que, por sua vez, é “uma *referência da realidade*, sem a qual o presente é pura irreflexão.” (REIS, 2003, p. 08).

Na construção de nosso trabalho de conclusão de curso da Licenciatura em História, analisamos a temática de Educação Patrimonial como instrumento para preservar e valorizar os bens culturais. Nossa pesquisa teve como reflexão inicial os motivos pelos quais os bens de uso coletivo, de modo geral, são alvo de vandalismo ou mau uso. Contribuiu conosco o autor Elison Antônio Paim (2010, p.96) quando informa que “as pessoas só respeitam, admiram, preservam e se identificam com aquilo que conhecem”. Demonstra ainda a necessidade de se “construir possibilidades [...] para que as pessoas conheçam e sintam-se pertencentes aos espaços, às discussões, lugares de guarda e preservação dos diferentes bens patrimoniais.” (PAIM, 2010, p. 96).

Na Escola Estadual de Educação Profissional Pedro de Queiroz Lima, em Beberibe – CE, onde se oferece o ensino médio integrado à educação profissional, atuamos em 2014 como professor de História das quatro turmas das primeiras séries do ensino médio, tendo duas horas/aulas em cada turma, com exceção do curso técnico em Guia de Turismo, onde possuímos três horas/aulas, uma a mais para que possamos trabalhar a disciplina de História do Ceará, focando na história local. No decorrer destas aulas foi possível perceber um distanciamento entre os estudantes e a história local; distanciamento este que

consideramos prejudicial para a construção do sentimento de pertença à comunidade. Através das discussões ficava notável o desconhecimento dos estudantes sobre a gênese e desenvolvimento do município. E, por mais que falássemos dessa história, não havia um reconhecimento de que aquela era uma história coletiva, deles também.

Esta ideia de identidade cultural é de importância ímpar para a preservação da memória coletiva, e esta, por sua vez, necessária à construção da identidade individual, num verdadeiro círculo virtuoso. Reconhecendo isto, é que se trabalhará no sentido de respeitar e manter tal identidade, negando espaço para o processo de aculturação.

A partir desta constatação elaboramos o projeto “Memória, Patrimônio e Identidade: a formação de Beberibe” com a intenção de aproximar os alunos da história local e possibilitar a percepção de quão são sujeitos dela. O projeto foi constituído em forma de *city tour*, um passeio guiado pelos bens culturais do centro histórico do município. Neste projeto visitamos e discutimos apenas os bens da dimensão “pedra e cal”. Visitamos o Memorial de Beberibe, onde se encontram peças que representam os diversos recortes históricos da cidade, representados através de objetos de decoração, de uso doméstico, fotografias etc.; a Igreja Matriz da Sagrada Família, enquanto instituição necessária à “civildade³” e, por fim, a Biblioteca Municipal Didó Facó, que funciona no prédio da antiga Casa de Câmara e Cadeia, instituição de poder e ordem dos municípios no período colonial e imperial do país. Em cada um destes prédios desenvolvemos discussões a respeito da representatividade deles para o município e quais sentimentos eles evocam.

Na nossa pesquisa para a licenciatura em História informamos que não se deve, apenas, levar o estudante ao espaço de memória. É primordial que antes o professor proceda com uma explicação – adequada e contextualizada – objetivando “preparar o terreno”. O discente será convidado a lançar uma nova ótica sobre o patrimônio, vendo-o como um ícone identitário. A partir deste novo olhar buscamos sensibilizá-lo quanto a necessidade de desenvolver uma ação de revitalização, proteção e uso do patrimônio com o objetivo de fazer permanecer viva a memória do município. O projeto necessitou de dez aulas de cinquenta minutos; cinco para introduzir e discutir a temática de Patrimônio Cultural, três para a

³ Conforme informa Bessa *et al* (2001, p.113) “Nenhuma data de sesmaria do *Siará Grande* foi assentada sem o signo da fé cristã.” Aponta ainda que “Onde se edificava uma igreja [...] nasciam os pequenos aglomerados populacionais. Assim era plantada a semente das futuras vilas e cidades.

visitação dos bens históricos e o restante para orientação e construção do relatório final solicitado aos estudantes que participaram do projeto.

Inicialmente apresentamos aos alunos os conceitos de patrimônio cultural⁴. Usamos como ferramenta pedagógica uma matéria do programa de televisão “Ação⁵”, da Rede Globo, onde eram apresentados vários bens culturais da dimensão imaterial. Ainda, realizamos em sala uma discussão a respeito da memória individual e coletiva e da importância de sua conservação e, a partir deste debate, a necessidade de se constituir espaços de memória como museus e memoriais.

Para a vivência da aula de campo convidamos o professor do curso técnico de Guia de Turismo – que comentou sobre a importância do patrimônio histórico para o turismo cultural –, o professor de Artes – que nos auxiliou na explicação sobre os estilos arquitetônicos presentes nos prédios – e outros dois professores de História, que nos auxiliaram nas discussões acerca da história local. Iniciamos nossa visita no Memorial de Beberibe, um espaço criado com a intenção de preservar a memória selecionada⁶ da cidade. Lá fizemos uma discussão baseando-se nos itens expostos, quase todos doados por famílias tradicionais do município. As principais indagações feitas neste ambiente foram: por que estas famílias estão representadas, em destaque, no Memorial? Qual a contribuição dos personagens anônimos para o desenvolvimento da cidade? Por que estes não estão representados, de maneira mais explícita, neste local de memória?

O segundo momento de nossa aula foi realizado na Igreja Matriz, que tem como padroeiros a Sagrada Família (Jesus, Maria e José) e Nossa Senhora do Carmo, instituída como co-padroeira da cidade. Neste espaço, discutimos a influência da Igreja Católica na vida dos munícipes e no cotidiano da cidade. Observamos a construção do prédio sacro e nos questionamos sobre os porquês da imponência, da grandeza dos detalhes e, ainda, quais sentimentos ele aflora naqueles que o visitam.

⁴ Evelina Grunberg (2007, p.04) aponta que o termo Patrimônio Cultural engloba “todas as manifestações e expressões que a sociedade e os homens criam e que, ao longo dos anos, vão se acumulando com as das gerações anteriores. [...] Cada geração dá a sua contribuição, preservando ou esquecendo essa herança.”

⁵ Programa Ação, da Rede Globo, exibido em 17/07/10, Matéria sobre o patrimônio imaterial do Brasil. Parte I. 10’20”. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=qZbVyFj6gzU>. Parte II. 10’14”. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=8er3wznFkFY>

⁶ A memória é sempre um processo de seleção. Escolhe-se o que se quer lembrar. Tratando-se de uma memória coletiva, estas lembranças pertencem a um grupo, mesmo que cada um tenha memórias individuais sobre o mesmo acontecimento. Paim (2010, p.88) aponta que “As sociedades são fundamentadas na seleção das memórias do grupo, [...] escolhe o que deve ser lembrado, o que deve ser contado de geração a geração [...]”.

O terceiro momento foi realizado no prédio onde funcionava, no passado, a Casa de Câmara e Cadeia e, depois, a Câmara Municipal. Atualmente no ambiente funciona a Biblioteca Municipal Didó Facó. Neste ambiente discutimos a disputa pelo poder local, quais memórias surgem naqueles que estiveram relacionados com este prédio: qual a lembrança do ex-vereador e qual a lembrança da família dos que foram detidos na extinta cadeia? É necessário preservar este prédio? Suas memórias são importantes? Para quem são? Devemos preservar um prédio ou uma manifestação cultural mesmo que as memórias sobre tais elementos sejam de sofrimento? Tais indagações enriqueceram sobremaneira a discussão e as percepções dos alunos sobre memória, identidade e preservação de bens culturais.

Uma metodologia para se trabalhar a Educação Patrimonial, desenvolvida por Grunberg (2007) se divide em quatro momentos distintos, a saber: observação, quando usamos os nossos sentidos (visão, tato, olfato, paladar e audição) de maneira que se explore ao máximo o bem cultural; registro, quando se busca fixar o conhecimento percebido, através de descrições verbais ou escritas, gráficos e fotografias; a exploração, analisando o bem cultural através de discussões, questionamentos, desenvolvendo no estudante o espírito crítico, interpretando por si só, evidências e significados; e, ainda, a apropriação, que é a recriação do bem cultural, através de uma interpretação por diversas formas de expressão (pintura, teatro, música, textos, vídeos e afins), provocando uma atuação criativa e valorizando o bem trabalhado.

Com a intenção de percebermos a utilização das quatro etapas da metodologia proposta por Grunberg (2007) e ainda como instrumento avaliativo, foi solicitado aos estudantes – em equipes de cinco pessoas – a produção de um relatório final. As equipes foram incumbidas de descrever as sensações e as percepções sentidas na aula, apresentando qual visão se tinha dos bens analisados antes e qual se apresenta depois da visita. Para os alunos que faltaram à aula de campo, solicitamos uma pesquisa a respeito do tema “A relação entre o turismo e o patrimônio histórico”, que ofereceu a oportunidade de se conhecer mais um pouco sobre a relação que há entre a visitação turística e a preservação dos bens culturais.

Ao concluirmos as etapas do projeto, lendo os relatórios dos estudantes, percebemos o êxito da iniciativa. Serviu para aproximar o estudante de sua história, sempre tentando fazer uma ligação entre a história local, a nacional e, sendo possível, a global. Uma construção que sempre deve se iniciar no presente para, após a análise deste, ir buscar no

passado uma possível influência. As aulas ficam mais prazerosas e o estudante se sente mais ativo neste processo de ensino-aprendizagem. Tal protagonismo é necessário para que o aluno ofereça sentido àquilo que estuda, em uma verdadeira aprendizagem significativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BESSA, Evânio Reis. *Et al.* **Cascavel 300 anos**. Fortaleza: Universidade de Fortaleza, 2001.

GALVÃO, Francisco Deoclécio Carvalho. **A educação patrimonial como instrumento de preservação e valorização de bens culturais**. TCC. (Licenciatura Específica em História) Universidade Estadual Vale do Acaraú, Cascavel – CE. 2012

GRUNBERG, Evelina. **Manual de atividades práticas de educação patrimonial**. Brasília, DF: IPHAN, 2007.

LE GOFF, Jacques. **O Imaginário Medieval**. Lisboa: Estampa, 1994.

PAIM, Elison Antonio. **Lembrando, eu existo**. In: OLIVEIRA, Margaria Maria Dias (org.) História: Ensino Fundamental. Brasília: Ministério da Educação, 2010.

PEREIRA, Edivaldo Bessa. **As contribuições da aula de campo para as aulas de geografia da Escola Estadual de Educação Profissional Pedro de Queiroz Lima**. TCC. (especialização em gestão escolar e coordenação pedagógica) Beberibe – CE, Faculdade Kurios, 2013.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Imagens da Violência: o discurso criminalista na Porto Alegre do fim do século**. **Humanas**: revistas do IFCH – UFRGS, Porto Alegre, V. 16, n.2, jul./dez., 1993. p. 109-131.

POSSOLI, Thaize. **A importância da educação patrimonial: A CSN como patrimônio histórico em Siderópolis**. Monografia. (Especialização em História: História Ensino e Linguagens). Universidade do Extremo Sul Catarinense. Criciúma, 2008.

REIS, José Carlos. **As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC**. 6ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

Resenha recebida em março de 2015. Aprovada em julho de 2015.